5 de abril de 1999
Palestra do Dr. Enélio Lima Petrovich, Presidente do IHG-RN sobre "Câmara Cascudo - Sabedoria e Bem-querer".

Da esquerda para a direita: Acadêmico José Maria de Barros Pinho (Presidente da Fundação Cultural, Desporto e Turismo de Fortaleza), Cel. Paulo Ayrton Araújo (Presidente do Instituto do Ceará), Dr. Enélio Lima Petrovich (Presidente do IHG-RN) e Prof. Ednilo Soárez (Diretor do Colégio 7 de Setembro).

Câmara Cascudo - *sabedoria e bem-querer*

"Junte, em ramalhetes, suas felicidades miúdas. Creio na bondade. Bondade sem a garantia prévia da gratidão".

"Sou uma saudade da vida agarrada ao desejo de continuar a viver".

Luís da Câmara Cascudo

ENÉLIO LIMA PETROVICH (*)

Na beleza e magnitude desta cidade, encantadora e hospitaleira, num fim de tarde tropical como esta, faz-se, sobretudo, História, pela valorização da cultura, esta que traduz e sintetiza o autêntico progresso sócio-econômico de qualquer nação.

Assim neste instante solene, mas espontâneo, atendendo ao honroso convite do Instituto do Ceará, sob a presidência do Exmo. Cel. Prof. Paulo Ayrton Araújo, evocamos a memória de alguém que projetou a pequenina terra potiguar, dos Reis Magos e de Nossa Senhora da Apresentação, sua padroeira, em amplitude nacional.

Referimo-nos a Luis da Câmara Cascudo, que, com sua sabedoria e bem-querer imortalizou-se, na lembrança e no louvor perenes de todos nós.

Com efeito, como estamos felizes e recompensados emocionalmente, participando desta festa votiva.

E, desde logo, proclamamos: Esta Casa da Memória Cearense, de altas e nobres tradições, fundada em 4 de março de 1887, nos acolheu, no quadro de *sócios correspondentes*, já se vão 32 anos. Fomos eleitos em 5 de outubro de 1967.

Um comunicado gratificante, do então presidente, o saudoso e velho historiador General Carlos Studart Filho, nos transmitia a

(*) Advogado e escritor, Presidente do IHG/RN, membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras e do Conselho Estadual de Cultura.

jubilosa notícia. Eis o diploma, uma relíquia para mim. E com ele - imaginem a coincidência - fomos admitidos, no mesmo dia, (21 de maio de 1969), como *sócio correspondente* do venerando Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o mais antigo do país.

De igual modo, vem à mente a nossa modesta participação no Simpósio Nacional de História, Geografia e Antropologia, neste Instituto, nos dias 9, 10 e 11 de dezembro de 1987. Presidimos a sessão de Estudos/Antropologia. Foram, também, instantes de congraçamento e reencontros.

Vê-se, pois, que somos, humilde e honradamente, um dos partícipes deste Templo da Cultura Histórica.

Aqui e ainda, com o merecido destaque, percorrendo os caminhos da História, acrescente-se que Natal, trampolim da vitória, foi ponto de partida de Martin Soares Moreno, saindo da Fortaleza dos Reis Magos, para fincar os alicerces, em janeiro de 1612, da povoação de *Siará,* hoje esta capital do fascínio e do progresso.

Mas, agora, não olvidando os nossos antepassados, peregrinos e timoneiros do saber e do humanismo, aflui a palavra da homenagem singela e emocional.

Espelhado, portanto, na imagem dos maiores e melhores, com a perspectiva de dias mais venturosos, assoma, no pensamento que voa, conforme a canção popular, a figura genial e modesta de Luis da Câmara Cascudo, que se encantou em 30 de julho de 1986, após uma passagem gloriosa e digníssima, cujo centenário de seu nascimento comemoramos no ano pretérito, com justiça, festejado neste cenáculo ao qual ele também pertencia.

A verdade é que, sob o olhar atento e com o espírito genuflexo, em reverência, contemplando as fisionomias cativantes e amigas que emolduram este salão dourado, para citar Cavour, temos o compromisso, desta tribuna, de trazer a lume, alguns aspectos da vida e da obra do mestre, embora, realmente, *"ele não caiba em cronologias encomendadas e fabricadas de seriação intelectual"*, no conceito do escritor conterrâneo Manoel Rodrigues de Melo.

Foi mesmo *"doador de nascença e espalhou aos quatro ventos o que foi recolhendo a vida inteira"*, já proclamava Drummond.

Então, vem logo à mente uma recordação preciosa.

Quando decorriam menos de 2 meses de seu falecimento, transmitimos, em 24 de setembro de 1986, daqui mesmo, e com idêntica emoção de hoje, a nossa mensagem de saudade - *"Câmara Cascudo, imortal"*, sob a presidência de outro não menos insigne historiador e humanista, Américo Jacobina Lacombe.

Explicitadas estas digressões preliminares, indaga-se ainda e desde logo:

– O que poderemos acrescentar acerca do homenageado, cuja obra alcança dezenas de excelentes trabalhos de pesquisa histórica, de folclore, antropológica, de jornalismo, de poética, de ficção, dignificando sobremaneira o Brasil, no campo da cultura multiforme?

Ora, se a obra de Luís da Câmara Cascudo é incomensurável, abrangente e definitiva para a grandeza do próprio país, obviamente não será possível, jamais, nos limites de uma palestra, pelas comemorações dos seus 100 anos, descrevê-lo "*inteirinho da cabeça aos pés, corpo e alma de Natal-Brasil*", no dizer de Mário de Andrade.

Não foi a guerra que projetou Natal no mundo. Foi Cascudo.

Sempre se nos afigura o ensejo de repetir: *primus inter pares* da cultura potiguar e brasileira, em dimensões internacionais, pelo legado que deixou às gerações do presente e do porvir, graças às lições maiores de sua genialidade e seu bem-querer.

Nascera no mesmo ano de Peregrino Júnior, Adauto da Câmara, Frei Damião, Ribeiro Couto, Edinor Avelino e Lampião.

Sim, Ribeiro Couto, o diplomata, o escritor, o acadêmico, a quem, 70 anos passados, em 1928, Cascudo dedicou o seu poema *Banzo*, sendo estas as duas últimas estrofes:

"Caninga de Choro
Zoada de grilo
Campina de cana
Com água tranqüila
A voz do feitor

Mucanas cafuzas
Moleques zarambos

Na noite retinta
A toada subia
Dos Negros mocambos"

Mas é ele próprio, o homenageado, que nos fala:

"Nasci numa 6ª feira, dia de São Sabino, 30 de dezembro de 1898, na rua das Virgens e o Padre João Maria batizou-me no Bom Jesus das Dores, Campina da Ribeira, capela sem torre mas o sino tocava as Trindades ao anoitecer. Criei-me olhando o Potengi, o Monte, os mangues da Aldeia Velha onde vivera, menino como eu, Felipe Camarão. Havia corujas de papel no céu da tarde e passarinhos nas árvores adultas, plantadas por Herculano Ramos. Natal de noventa e seis lampiões de querosene. Santos Reis da Limpa em janeiro. Santa Cruz da Bica em maio. Senhora d'Apresentação em novembro. Farinha de castanhas e carrossel. Xarias e Canguleiros. Natal que se apavorou com o holofote, enchendo as igrejas de bramidos e arrependimentos. Auta de Souza embalou-me o sono. Pedro Velho pôs-me na perna. Vi Segundo Wanderley declamar. Ferreira Itajubá cantando. Alberto Maranhão passeando a cavalo, manhã do Domingo. Tinha treze anos quando veio a luz elétrica. Festas no Tirol. Violão de Heronides França. Livros. Cursos. Viagens. Sertão de pedra e Europa.

Nunca pensei em deixar minha terra.

Queria saber a história de todas as coisas do campo e da cidade. Convivência dos humildes, sábios, analfabetos, sabedores dos segredos do mar, das estrelas, dos morros silenciosos. Assombrações. Mistérios. Jamais abandonei o caminho que leva ao encantamento do passado. Pesquisas. Indagações. Confidências que hoje não têm preço. Percepção medular da contemporaneidade. Nossa casa do Tirol hospedou a Família Imperial e Fabião das Queimadas, cantador que fora escravo. Intimidade com a velha Silvana, Cebola Quente, alforriada na Abolição. Filho único de chefe político, ninguém acreditava no meu desinteresse eleitoral. Impossível para mim dividir conterrâneos em cores, gestos de dedos, quando a

terra é uma unidade com sua gente. Foram os motivos de minha vida expostos em todos os livros. Em outubro de 1968 terei meio século nessa obstinação sentimental. Devoção aos mesmos santos tradicionais.

Meu povo tem a mesma idade para o interesse e a valorização afetuosa.

Dois homens quiseram fixar-me fora de Natal: - Getúlio Vargas no Rio de Janeiro e Agamenon Magalhães no Recife. Jamais os esquecerei, porém nada pedira. Alguém deveria ficar estudando o material economicamente inútil. Poder informar dos fatos distantes na hora sugestiva da necessidade.

Fiquei com essa missão.

Andei e li o possível no espaço e no tempo. Lembro conversas com os velhos que sabiam iluminar a saudade. Não há um recanto sem evocar-me um episódio, um acontecimento, o perfume duma velhice. Tudo tem uma história digna de ressurreição e de simpatia. Velhas árvores e velhos nomes, imortais na memória.

Em 1946, fiz parte de uma comissão enviada pelo Ministério das Relações Exteriores ao Uruguai. Éramos três: Aloísio de Castro, Angione Costa e eu, único sobrevivente.

Voltando, contou-me Aloísio de Castro que Afrânio Peixoto, sabendo da expedição cultural, dissera, num leve riso - "E ele deixou o Rio Grande do Norte? Câmara Cascudo é um provinciano incurável!".

Encontrara meu título justo, real, legítimo.
PROVINCIANO INCURÁVEL!
Nada mais".
(*In* "Província" - 2 - reedição fac-similar - 1998 - págs. 5/6).

Sem dúvida, tantos foram os encontros, os episódios, os fatos, os imprevistos, os testemunhos, as confidências, os exemplos, na lembrança desse "*provinciano incurável*".

Aqui estão várias fotografias do inesquecível mestre.

E na espontaneidade de nossas palavras, alheios a qualquer estilo pomposo ou gongórico, destacamos, em síntese, algo mais a seu respeito.

Menino ainda, vimos e conhecemos de perto Luís da Câmara Cascudo.

Minha mãe, prima de Dahlia, esposa dadivosa e feliz, nos levava à sua antiga residência, na Praça 7 de Setembro - Rua da Conceição, 565, vizinha a do nosso tio-avô, Nestor Lima, a quem devemos uma razoável formação cultural e acadêmica.

Ficávamos a brincar, fazendo algazarra, conduta própria de criança um tanto travessa.

E Dahlia, para que não atrapalhassemos a conversa das primas, pedia ao mestre, ali junto, lendo, em cadeira de espaldar alto, atento aos livros, que nos mostrasse, no quintal, o galinho garnizé. Dai o carinhoso apelido de "*O Galinho*".

Em bilhetes, telefonemas, cartões e contatos pessoais, era sempre "*o galinho*".

Eis uma prova, no cartão do "*Juca Pato*":

> *"Ao Galinho querido e ao Enélio Antônio, admirável produto conjugal, beijos e bênções para a permanência da saúde, êxito, alegria, esperança, por gentil intermédio do Juca Pato imortal.*
>
> *Seu Luís da Câmara Cascudo e sua prima Dahlia.*
>
> *Viva Sant'Antonio em 1978!".*

Mas o tempo corre célere.

Já na presidência do quase secular Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte - a mais antiga instituição cultural do Estado, fundado em 29 de março de 1902, os nossos laços de amizade, admiração e profundo respeito, uniram-se mais e mais.

O telefone batia:

> *"Galinho, venha aqui e me traga o Barleaus para uma consulta rápida".* (É a edição princips - 1647).

Em 1973, tivemos uma idéia. Reunir, em livros, as suas *actas diurnas*, publicadas, diariamente, em "*A República*" e no "*Diário de Natal*". São pesquisas e lembranças na História do Rio Grande do Norte. Alcançaram cerca de 2.500.

Aplaudiu a nossa iniciativa com uma ponderação apenas:

> *"Deixe comigo a escolha do título".*

Uma semana após: "*O Livro das Velhas Figuras*". Aqui em mãos o volume sexto, com prefácio do ex-governador e confrade Sylvio Piza Pedroza, falecido em agosto findo, e seu amigo de todas as horas.

Surgem, neste instante, de igual modo, ocorrências interessantes e até pitorescas, pois o mestre Cascudo sempre foi um homem bem humorado, infenso ao ódio, às mágoas e à inveja.

Daí, a sua diretiva:

> *"Não tive, nem rancor, nem recalques. Sempre valorizei as iniciativas dos outros e nunca fiscalizei a vida alheia".*

Vamos, a seguir, à narrativa de dois curiosos enfoques, de sua intimidade, por nós testemunhados.

No seu lar, há 50 anos, cresceu e viveu uma empregada de nome Anália. Uma cozinheira de primeira.

Certa vez, no casarão estilo colonial, Av. Junqueira Aires, 377, Anália comunica ao mestre que um homem o procurava, no portão. E ele, de imediato, respondeu:

> *"Diga a ele que aqui em cima tem outro".*

Uma ocasião, indagamos à fiel servidora doméstica se o professor era mesmo inteligente.

Anália não titubeou:

> *"Olhe, o Dr. Luís lê tanto, escreve tanto, que não sei se é verdade".*

Ouçamos, agora, a sua filha, Ana Maria Cascudo Barreto, em depoimento que nos prestou sexta-feira, dia 22:

> *"Personalidade multi-fascetada, Luís da Câmara Cascudo foi memorialista, crítico literário, cronista, reporte, folclorista, historiador, epistológrafo, ficcionista, musicólogo, pesquisador de campo.*
>
> *Seu bom humor, ou alto astral, como hoje se diz, a leitura que fazia de coisas do mundo que o rodeavam, também o distinguiam como alguém diferente, único. Sua escala de valores foi sempre norteada pela bússola da valorização do Brasil, do*

nordeste, sem olvidar a panorâmica mundial. Foi um pioneiro, um amante do simples, um estudioso do cotidiano.

Mais do que dinheiro, comendas, honrarias, seus olhos verdes, luminosos, inesquecíveis, faiscariam de alegria, estando no meio de sua gente tão amada, como cédula, selo e até bilhete de loteria, ele que sempre apostou na cultura".

Aliás, em síntese consagradora e perfeita é a definição do querido consócio, escritor Francisco de Vasconcelos, autor do livro "Câmara Cascudo - Do Potengi ao Piabanha" - edição 1989.

Ei-la, para nosso conhecimento:

"Mestre Cascudo porque era sábio jamais deixou de ser simples. Genialidade com simplicidade caberiam perfeitamente no seu brasão de vivente sábio, íntegro, puro, bafejado pelo dotes da inteligência fulgurante, do raciocínio pronto, da graça palpitante, do bom humor permanente, da cultura assombrosa. No todo cascudiano amalgamaram-se os melhores ingredientes, que o tornaram bem-aventurado e bem-amado".

Sigamos, agora, as pegadas do eminente sociólogo, membro deste Instituto e da Academia Cearense de Letras, Prof. Dr. Eduardo Diatahy B. de Menezes, quando, a 30 de março de 1977, *"em tarde morna na casa batida de sol"*, visitou o mestre, à Av. Junqueira Aires, 377. E assim escreveu:

"Tendo apoiado o modernismo e militado no movimento integralista brasileiro, vai aos poucos concentrando o seu labor na tarefa de investigação, tanto como historiador, com várias obras fundamentais, quanto em especial sobre etnografia brasileira em suas manifestações folclóricas, em que se torna uma das fontes mais seguras. Assim, há décadas, estudiosos vêm sorvendo as suas lições neste último território (...) Ele é, porém, o grande estuário da compreensão do nosso povo, de cuja ciência dizia de modo saboroso: 'Saber mais do que o povo é privilégio do Espírito Santo'. (In "O Povo", desta cidade, em 27 de dezembro de 1998).

E nesta caminhada evocativa e sentimental, imprimindo ainda mais um sentido ameno e até peculiar a este preito de reverência

e justiça a Luís da Câmara Cascudo, não podemos esquecer os dez mandamentos que ordenou, quando noivo, para a sua futura esposa Dahlia cumpri-los, após o casamento, em 21 de abril de 1929.

Ei-los, extraídos do livro de Newtinho, seu neto, sob o título *"Lembranças de meu avô"*.

Vejamos, acompanhando o mestre homenageado, tão condignamente:

"1º Mandamento: Amar-me-ás sobre todas as coisas;
2º Mandamento: Não pedirás três vezes o que eu recusei duas vezes seguidas;
3º Mandamento: Guardarás o meu nome em teu coração para sempre;
4º Mandamento: Teus pais serão os meus e os meus os teus;
5º Mandamento: Não mentirás ao teu escolhido;
6º Mandamento: Guardarás fidelidade absoluta;
7º Mandamento: O tempo e a distância não devem influir em tua alma;
8º Mandamento: Terás para os meus defeitos a lição de tua serenidade;
9º Mandamento: Fecharás teus ouvidos a quem te quiser afastar de mim;
10º Mandamento: Serás sempre meiga, falarás muito e terás ciúmes".

Disse-nos Dahlia que discordou apenas do 2º mandamento.

Certa vez, recebendo o poeta Homero Homem, nascido em Canguaretama-RN (que o levamos para abraçá-lo), com aquele fleuma contagiante, pediu-lhe:

"Homero querido, escreva um poema ruim que eu quero ler".

Evidentemente, passam os donos do poder efêmero, passam os detentores dos bens materiais, mas a presença de Luís da Câmara Cascudo nunca passará.

Bem difícil, é certo, enfocá-lo na multiplicidade de sua erudição.

No seu canto - por vezes um *canto de muro*, título de um de seus livros, construiu lentamente a sua glória.

"Era sempre um sol que nascia (mesmo à noite), para todos nós". (Nilo Pereira).

Discípulo de Gamaliel, fazia sempre a *"intriga do bem"*. De seus lábios jamais brotaram expressões amargas de desestímulo, de ódio e de inveja.

Com ele estávamos quase todas as semanas. Alegria contagiante. Comunicação fácil. Sabia tudo.

Luís da Câmara Cascudo, para os amigos mais íntimos, também assinava: *Luís, Dom Luís, Luís Natal, Luís da Serra de João do Vale, Luís do Sobradinho e Luís do Potengi.*

Cursando Medicina na Bahia e no Rio, até o quarto ano, formou-se em Direito, na velha Faculdade do Recife (1928).

Tudo fora na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Não desejando ser Reitor, era Professor Emérito (1966), Doutor *Honoris Causa* (1978), e lecionou Direito Internacional Público, pois dele fomos alunos na primeira turma da Faculdade de Direito de Natal (1959).

É nome ainda de museu, escola, biblioteca, centro de ensino, medalha, memorial, e de viaduto, em São Paulo, por vontade expressa do Prefeito Jânio Quadros.

Pertenceu a todos os Institutos Históricos e Geográficos do país. Benemérito do nosso. Era o mais antigo sócio correspondente do Brasileiro. Fundador e patrono da Academia Norte-rio-grandense de Letras, não quis integrar a Academia Brasileira de Letras. E somente a dignificava...

Uma semana sobre sua vida e obra promoveu o nosso venerando Instituto Histórico e Geográfico, em dezembro de 1964. Reunimos, em livro, os discursos e mensagens pelo evento consagrador. Presidiu a solenidade de encerramento, a nosso convite, o então governador e ex-ministro de Estado, Aluízio Alves, escritor, acadêmico e sócio benemérito da vetusta instituição. Mestre Cascudo chorou, emocionado. Temos a fotografia histórica.

Reverenciando, pois, a sua memória, nesta singela e significativa homenagem, numa época em que o filósofo Jean Paul Sartre definiu como de aproximação essencial do homem, independente das latitudes e condicionamentos geopolíticos, não há dúvida que esta evocação do mestre reveste-se de especial sentido.

> *"É o louvor, no tumulto da metrópole, ao carinho telúrico do homem; ao seu trabalho intelectual, honesto e desinteressado; aos esforços do cientista que, fundamentalmente, procurou descobrir, através de seus estudos e pesquisas, a solução de problemas que as peculiaridades do habitat particularizam, mas que, realmente, pertencem ao núcleo das angústias e das alegrias, perplexidades e incertezas, aspirações e expectativas do homem, em todas as raças, de todos os regimes políticos, de todos os tempos".*

Isto o que também proclamamos, na sessão magna do dia 30 de dezembro de 1964, em sua homenagem.

Por ironia do destino, saiu de casa, pela última vez, para assistir à sessão solene comemorativa dos 80 anos de fundação do nosso Instituto, a 29 de março de 1982.

Sobre ele, são incontáveis os depoimentos:

> *"Cultura, presença de espírito, senso de humor, compreensão, bondade, nobreza, complacência, foram, no mestre Cascudo, marcas indeléveis. Só os sábios sabem ter e dar.*
>
> *Exemplo de humildade, simpatia, dedicação ao estudo, serenidade, alegria, renúncia, amizade, inteligência.*
>
> *Impossível é dizer tudo. Impossível é esquecer",* conforme nos confessou, certa vez, o eminente consócio José Hermógenes de Andrade.
>
> *"O que hoje se faz, como trabalho de equipe, em institutos e departamentos, em centros de estudos e em cursos de extensão, ele, o pioneiro, fez sozinho.*
>
> *O que temos em ciências sociais, folclore, em etnografia, em antropologia, história, de modo todo especial, a ele devemos. Nada se pode aditar a isso senão, em cada caso, a admiração que todos devotamos ao mestre, ao rio-grandense-do-norte de maior, mais vasta e mais erudita bibliografia, em todos os tempos.*
>
> *O historiador do Estado e da cidade do Natal, o historiador de tantos municípios, o biógrafo de tantas figuras ilustres que construíram o progresso de nossa terra, na dimensão econômica, social, política e intelectual em que viveram.*

> *Mestre Cascudo traçou, desde cedo, o seu itinerário. A História abriu-lhe as portas à capacidade extraordinária da pesquisa e da narração, os fatos simples, que nem sempre estão na História oficial, estabelecida, um tanto gorda e enfática. O caminho era largo, irresistível. O folclorista, o antropólogo, o etnógrafo, o cronista, estavam na linha reta dessa vocação, desse destino. Mas o humanista, conhecendo tanta coisa do espírito humano, imprimiu, nos trabalhos que escreveu, a nota da formação clássica, que é, na obra, o apuro da inteligência, o requinte do saber e, ao mesmo tempo, a humildade, a ascetismo do artista e do cientista que nele coexistem. Uma obra permanente e tenaz, que resistirá ao tempo. Pluralizada por tantos temas e singularizada pelo sentimento barresiano da terra, pelo sabor romântico ou quixotesco da Província".* (Nilo Pereira)

Ávido em aprofundar-se cada vez mais nos estudos e na história de nossa colonização, suas raízes e primórdios, conheceu, em 27 de agosto de 1928, ao lado de Nestor Lima, distante de Natal cerca de 100 quilômetros, o célebre Marco de Touros, símbolo português primeiro, chantado em território pátrio, a 7 de agosto de 1501. Um ano após o descobrimento do Brasil.

> *"Se Cascudo não souber só o Espírito Santo"*, afirmara Gilberto Amado.

Getúlio Vargas, quando presidente da República, lembrou-se de seu nome para senador. Agradeceu o convite, respondendo de imediato:

> *"Deste Reino só para o céu".*

Condecorações, títulos honoríficos, honrarias, o consagram *cidadão do mundo.*

Autor de cerca de 150 trabalhos, o tempo não nos permite enumerar todos.

Dicionário do Folclore Brasileiro, Civilização e Cultura, História da Alimentação no Brasil, são obras definitivas e ciclópicas, entre dezenas de outras.

Alma Patrícia é o seu primeiro livro, editado em 1921, no qual o mestre Cascudo enfoca a vida literária do Natal da época, um

ano antes do centenário da Independência. Ali unem-se o historiador e o crítico literário.

Depois, em 1924, surgem outros: *Joio*, abordando aspectos da literatura platina, brasileira e norte-rio-grandense; *Histórias que o tempo leva*, livro de pesquisa ampla através de marcas ficcionistas.

Dois valorosos estudos ocorrem desde logo. Referimo-nos ao *O Conde d'Eu* e *Marquês de Olinda e seu tempo*, impregnados de história, sociologia e biografia. A sua projeção cultural, nesta altura da vida, como *cidadão do mundo*, já estava consolidada.

Ele próprio batia à máquina os seus escritos, sem secretária nem datilógrafo, transmitindo a idéia e os conhecimentos diretamente para o papel. Não havia rascunho nem cópia.

Pela UFRN, com o aplauso e apoio do nosso IHG, foram reeditados *"Ontem"*, *"Na Ronda do Tempo"* e *"O Tempo e Eu"*, livros de reminiscências e memórias. (Fizemos oferta ao Presidente destes livros).

Inegavelmente, Luís da Câmara Cascudo, "*patriarca da cultura, gigante da etnografia, sem ser filho de Netuno, pisou os tabuleiros do Nordeste, grande jagunço, pau-brasil de pedra e sol otimista, sem tédio e confiante no ano 2000, capaz de criar uma obra de 800 páginas de um só ímpeto, sem depender de estímulos imortais nem de amparo grupal*". Este era o testemunho também de seu amigo e correspondente Antônio Justa.

Como o tempo corre meteoricamente! E neste discurso evocativo – acreditamos – nossa vez está terminando.

Todavia, mesmo *en passant*, este o homem genial e humilde, marcado pelo signo da sapiência e da fé, cujo centenário de nascimento comemora-se neste 1998.

Recordamo-nos muito bem. Dia 30 de julho de 1986, na Casa de Saúde São Lucas, em Natal, crepúsculo de tarde, acabava de falecer Luís da Câmara Cascudo. Ficamos abraçados, eu e Fernando Luís, seus filho, por alguns instantes.

Fomos nós que nele vestimos a sua beca de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

São palavras do saudoso jurista, sócio deste Instituto e senador Afonso Arinos, que escreveu em 1987:

"Homenagear Luís da Câmara Cascudo traduz um marco decisivo pela valorização do Brasil cultural contemporâneo.

A sucessão de crises nacionais que a nossa sofrida geração viveu e a que assistiu, abordadas muitas vezes por soluções unitárias de superfície, faz esquecer talvez a origem fundamentalmente regional dos nossos problemas e, portanto, a necessidade do equacionamento adequado das suas soluções.

Por isso mesmo é que - repito - se deve exaltar a vida de grandes escritores, como Luís da Câmara Cascudo, que se tornaram gloriosamente nacionais à medida precisamente em que afundam as raízes na sua província.

Leio e releio seus estudos, principalmente os de História Regional e este extraordinário trabalho - gigantesco esforço individual - que é o Dicionário do Folclore.

Neste momento, pois, em que o Rio Grande do Norte reverencia, para o Brasil, o nome do seu grande filho, como um pendão de glória, quero dar o meu depoimento, comovido, de humilde admirador".

Exaltemos, de igual modo, neste encontro de saudade centenária, o depoimento do antropólogo-sociólogo Gilberto Freire, quando, em 1984, esteve em Natal (dois anos antes do falecimento do mestre).

Disse ele:

"Luís da Câmara Cascudo vem dando aos estudos do folclore no Brasil o máximo de dignidade intelectual: fazendo deles estudos sistemáticos, uns de Antropologia Cultural, outros, de História Social e até de alguma sociologia da história. Realizando pesquisas, ora de arquivo, ora de campo, nesses setores. Indo até a África para melhor compreender a parte folclórica ou popular da cultura brasileira. Procurando com os próprios olhos em Portugal raízes ou começos europeus dessa cultura e também da erudita. Embrenhando-se em mitos e crendices".

Pari passu, no dizer do saudoso historiador, advogado e educador Nestor Lima, Presidente perpétuo do nosso Instituto Histórico

e Geográfico (de 1927 até, ao falecer, 1959) e, de igual modo, nosso tio-avô, padrinho de batismo e de casamento, *"Luís da Câmara Cascudo enveredou pelos estudos históricos de que se fez consumado especialista. No folclore tornou-se mestre abalizado"*.

Vamos mais além, evidenciando, neste encontro de cultura, o grande mestre.

Entre as diversas instituições internacionais, integra e valoriza a Academia Nacional de História e Geografia do México, a Academia de Ciências de Lisboa, Folk-Lore Society of London e America Folk-Lore Society. Esta na condição de honorário.

O seu labor intelectual ininterrupto, até o dia de seu *encantamento*, deixando-nos mais pobres ainda, constitui um inexcedível exemplo de dedicação uniforme da atividade cerebral nas áreas preferenciais da investigação minuciosa, que o fez alcançar a consagração em todo o universo.

De formação e vivência cristãs. Comendador da Ordem de São Gregório Magno (Santa Sé) e da Ordem Militar de Cristo, de Portugal.

Na verdade, era o mestre Cascudo além de sábio, no plano do espírito, um homem religioso, de fé crente nos desígnios de Deus, admirando os santos, e por isso na imagem da Irene Preta, do poema de Manoel Bandeira, deve ter entrado no céu sem pedir licença. Um detalhe oportuno: entre as suas mãos, cruzadas e inertes, levou consigo o terço que pertenceu ao santo potiguar João Maria.

Viajando pelo mundo, mas sem abandonar a sua terra-mater, com a fidelidade vocacional de professor de província, o mestre Cascudo atingiu uma notoriedade que ninguém em nosso Estado, até agora, mereceu.

Responsável pelo maior número de prefácios, apresentando os novos é, inegavelmente, na opinião feliz de Onofre Lopes *"a mais antiga Universidade do Rio Grande do Norte"* porque *"de fato foi um fenômeno cósmico na constelação da vida literária do Rio Grande do Norte"*, conforme Raimundo Nonato da Silva, velho e querido confrade.

Muitas, sem dúvida, são as lembranças do mestre. Duas, porém, merecem destaque especial.

Tínhamos sido convidados pelo Governo da República Federal da Alemanha, em 1969, para visita de um mês àquele país

amigo. Transcorriam as comemorações do bicentenário de nascimento de Alexander Humboldt. Ao mestre Cascudo solicitamos algumas achegas sobre o fato histórico, como mensagem oficial da Casa da Memória Norte-rio-grandense.

Em poucos dias, ele nos chama e faz entrega de um trabalho acerca do cientista, o qual editamos em alemão e português, distribuindo-o nas várias universidades e instituições culturais do país germânico.

Quando faleceu o folclorista maior, escrevemos, por solicitação do eminente consócio honorário, Prof. Dr. H. C. Hermann Mathias Goergen, Presidente da Sociedade Teuto-Brasileira, em Bonn, na Alemanha, breves comentários, os quais, já decorrido um ano, foram publicados na Revista *"Deutsch Brazilianische Hefte"* - agosto de 1987, páginas 252/53.

Ah, quão expressivos os versos do trovador e poeta José Lucas de Barros, dominando o nosso espírito:

> *"Tem vida eterna, decerto,*
> *Quem somente o bem pratica.*
> *Não morre quem fica vivo*
> *na memória de quem fica".*

Mais ainda, repetindo Múcio Leão:

> *"Se de repente um cataclismo sobreviesse em nossa terra, e do que foi o Brasil só restassem os livros de Câmara Cascudo, seria possível aos estudiosos do futuro reconstruir tudo o que somos hoje".*

* * *

Autoridades que compõem a mesa, caríssimos confrades, minhas senhoras, meus senhores:

Foi Dahlia, já com ele na morada celestial, que nos confessou, alguns dias antes de seu falecimento, a 8 de março de 1997:

> *"A presença de Luís é uma constante em minha vida. Sinto-o em toda parte. Na sua biblioteca, no próprio ar que respiramos, no despertar de cada dia, na solidão de cada noite. Evocá-lo sempre é o meu dever".*

Luís da Câmara Cascudo, que se encantou, para evocar também Guimarães Rosa, aos 87 anos de idade, é imagem, exemplo e lição perene de vida.

Partindo para o Alto, onde a existência eterna lhe dará as compensações, justas e sacrossantas, cada vez mais o nome e a obra de Luís da Câmara Cascudo emergem, diuturnamente, para comprovar o seu grandioso valor ético, cultural e humanístico.

Com essa diretriz ou esse direcionamento não nos cansamos de admirar o homenageado.

Evidenciar o seu *modus vivendi e faciendi*, maravilhoso e fecundo, é dever impostergável e inconteste de todos nós. *Ad perpetuam rei memoriam.*

Por isso, neste torrão cearense, berço de um José de Alencar, em meio aos torvelinhos da cidade grande, neste ambiente de cultura e inteligência, aqui reunidos, uma verdadeira romaria emocional e histórica, estamos, no ano do centenário de seu nascimento, perpetuando, cada vez mais, a memória de Luís da Câmara Cascudo, que, por sinal, foi também samba-enredo nas festas carnavalescas deste ano, da Escola Salgueiro, no Rio.

Esta a palavra para o momento, como testemunho maior, mais vivo, permanente, de seu humanismo e de sua erudição. Daí: *"Câmara Cascudo - sabedoria e bem-querer"*.

Afinal, *in memoriam* de Luís da Câmara Cascudo - permitam-nos os convidados - admiradores e confrades - que também sejam nossos, na repetição benfazeja e gratificante do louvor merecido, os inesquecíveis versos de Manoel Bandeira, dedicados a Paul Verlaine e reproduzidos na conferência do escritor Edson Nery da Fonseca, em nosso quase secular Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (noite de 29 de setembro do ano findo), sob o título *"Cascudo e Freire"*. Ouçamo-los, no calor da emoção e da saudade, com a alma de joelhos, e corações para o alto, sob as bênçãos de Deus:

"Não te posso dar flor nem fruto.
Folha ou galho sim.
Folha e não será de álamo ou tília fina,
Folha do mato, mas cheirosa de resina,
Levando à tua glória uma gota de orvalho".

(Palestra proferida no dia 5 de abril de 1999).